

O EQUILÍBRIO ENTRE MEMÓRIA E ESQUECIMENTO, DO PONTO DE VISTA DA UTILIDADE DA HISTÓRIA PARA A VIDA, SEGUNDO NIETZSCHE. Vanessa Cristina Marino, Hélio Rebello Cardoso Junior. - Ciências Humanas - História - Departamento de História - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras-Campus de Assis.

Porque os historiadores atualmente se interessam tanto pela memória das pessoas e dos povos? Porque fazem dela um verdadeiro objeto de suas investigações? Muito se lê e se ouve falar em “Patrimônio”, “memória”, “identidade”, “lugares de memória”, “memória coletiva”, enfim, porque surgem tantas lembranças e tantas rememorações nas nossas sociedades? Tais questões têm sido ponto de partida de uma série de livros, teses e colóquios nas últimas décadas.

Essas preocupações certamente estão relacionadas a problemáticas que enfrentamos na atualidade. Esse mundo inundado por informações, que nos chegam de forma cada vez mais rápida e de maneira mais acessível, parece impor ao historiador um tempo novo, um tempo sem devir, um presente hesitante cuja aceleração e desagregação negam a origem e o destino. É nesse sentido que, como observou Pierre Nora, vivemos atualmente uma “aceleração da história”, ou seja, a percepção global de que algo está desaparecendo, por isso “fala-se tanto de memória, porque ela já não existe mais”¹. Dessa forma, parece que o passado já não é mais garantia de futuro, talvez seja aí, portanto, que se encontra a razão principal dessa promoção da memória como agente dinâmico e única promessa de continuidade. Mas porque e o que devemos lembrar? Ou será que devíamos esquecer?

Quando tomamos contato com as primeiras obras do filósofo Nietzsche, especialmente sua segunda Consideração Extemporânea “*Da utilidade e dos inconvenientes da história para a vida*”, de 1874, observamos que este autor vê justamente neste apego exagerado à memória, esse culto à memória, um obstáculo às realizações humanas e uma forma de separar a cultura da experiência de vida. Nietzsche acreditava que sua época estava sofrendo de um fervor descontrolado pelo passado, de um exercício desmedido da memória. Para ele, era preciso mostrar que esse supermemorialismo poderia ser prejudicial não só à vida de um homem, mas também de um povo ou de uma cultura. Assim, na obra em questão, Nietzsche vai valorizar os principais aspectos do esquecimento e sua importância para o homem que viver e criar algo novo, assim como questionar o excesso de memória como obstáculo às realizações vitais.

Em sua crítica à historiografia do século XIX, a proposta de Nietzsche era a de que o homem moderno reavaliasse a rememoração histórica. Reportando-nos ao debate historiográfico atual, onde a memória aparece assumindo uma posição fundamental, os questionamentos de Nietzsche nesse texto nos parecem bastante pertinentes para que, parafraseando nosso autor, também possamos fazer um balanço “da utilidade e dos inconvenientes da memória para a vida”.

A presente comunicação é parte do projeto “*Estudo da relação entre memória e História para Nietzsche na Segunda Consideração Extemporânea “Da Utilidade e dos Inconvenientes da História para a vida”*”, que vem sendo desenvolvido com o apoio da FAPESP. Dessa forma, buscamos destacar aqui, especialmente, o equilíbrio entre a memória e o esquecimento para Nietzsche, na relação com a história.

No texto da segunda Extemporânea, Nietzsche nos faz pensar inicialmente a importância do esquecimento para a vida através de algumas imagens expressivas. A primeira delas, a de um rebanho no pasto, parece caracterizar o esquecimento como uma faculdade que possibilitaria a felicidade,

“Observe o rebanho que pasta diante dos teus olhos: ele não sabe o que significa nem o ontem nem o hoje; ele pula, pasta, repousa, digere (...), dia após dia, estritamente ligado a seu prazer e à sua dor, ao impulso do instante, não conhecendo por esta razão nem a melancolia nem a tristeza. Este é um espetáculo duro para o homem, este mesmo homem que vê o animal do alto de

*sua humanidade, mas que inveja por outro lado a felicidade dele – pois este homem só deseja isto: viver como animal, sem tristeza e sem sofrimento (...)*ⁱⁱ

Para Nietzsche, o animal vive melhor e mais feliz porque vive de maneira a-histórica, quer dizer, esta completamente absorvido no presente. Ao contrário, o homem vive constantemente se defendendo contra a carga sempre mais esmagadora do passado que “*entrava a sua marcha como um tenebroso e invisível fardo*”. Mas, segundo o filósofo, o homem se comove com a cena do rebanho no pasto porque na verdade é como se estivesse se lembrando de algo um pouco mais familiar: de uma criança. Aqui novamente Nietzsche nos leva a imaginar mais uma cena. A imagem é a da criança que pode brincar feliz entre as barreiras do passado e do futuro porque ainda não tem um passado que possa negar. Segundo o autor, a criança permanecerá assim feliz até o dia em que subitamente será arrancada à força do esquecimento, ou seja, no momento em que ela aprender que existe algo chamado “passado”, quando aprender a palavra “era”. Ao aprender a conjugação de verbos, a criança é introduzida no mundo cultural, ou seja, com a palavra “era” ela começa a ter a consciência da temporalidade. O que se entende a partir daí é que a memória, para Nietzsche, parece ser é um traço característico da humanidade.

Após descrever estas imagens Nietzsche parece concluir então que, é possível viver e viver feliz quase sem qualquer lembrança, como demonstra o animal, mas, por outro lado, é impossível viver sem esquecer. Assim, evidentemente ele reconhece que, além dessa faculdade do esquecimento o homem possui ainda uma outra faculdade que também lhe é imprescindível – a memória.

Para Nietzsche, pela “*força de servir-se do passado para a vida e de refazer através dos acontecimentos passados a história presente, o homem torna-se homem*” Para ele, portanto, a humanidade é definida por seu retorno ao passado. Nesse caso, o contraste entre esquecimento e memória exhibe a forma do homem relacionar-se com o tempo. A questão que Nietzsche procura responder nesse texto é a de como um ser de memória relaciona-se com o instante que é abertura de temporalidade, em outras palavras, como a vida transforma-se em cultura a partir da relação que o presente tem com as outras duas dimensões do tempo. Esta é uma questão posta entre os séculos XIX e XX, pois nunca antes o olhar para o passado tinha sido tão problemático.

Assim, o que Nietzsche vai observar então é que faltava à consciência histórica do homem moderno saber do caráter ativo do esquecimento. Para o autor, o esquecimento é uma faculdade ativa da apropriação, é potência do processo de incorporação próprio da vida e o contraste entre esquecimento e memória exhibe a forma do homem relacionar-se com o tempo. O excesso de história é a desarmonia entre os elementos contrastantes da vida. Portanto, a doença histórica é a falta de medida da memóriaⁱⁱⁱ. Então, como Nietzsche relacionará esse esquecimento ativo e essa memória excessiva com a história e por consequência, com a própria vida?

Para tentar resolver esse impasse entre memória e esquecimento, observamos que Nietzsche vai procurar estabelecer certo equilíbrio entre estas duas faculdades, ou antes, uma delimitação de seus campos de atuação. Para o autor, portanto, será imprescindível, antes de tudo, fixar o limite a partir do qual o passado deve ser esquecido “*de modo que não se torne coveiro do presente*”. Para isso, segundo ele, seria necessário conhecer a “*força plástica*” tanto de um indivíduo, quanto de um povo ou uma civilização. Tal força plástica para Nietzsche, seria aquela que permite a alguém desenvolver-se de maneira original e independente transformando e assimilando coisas passadas, curando suas feridas, reparando as perdas. Quer dizer, uma força que traria novas significações a fatos e figuras monumentais o passado.

Assim, Nietzsche parece propôr, então uma linha de demarcação entre aquilo que deve ser lembrado e o que de ser esquecido, ele chega mesmo a ser enfático neste ponto “*(...) Esta é uma lei geral (allgemeines Gesetz): cada ser vivo não pode ser sadio, forte e fecundo senão no interior de um horizonte determinado (...)*”. Para Nietzsche, a serenidade, a boa-consciência, a atividade alegre, a confiança no futuro, dependeriam tanto em um indivíduo quanto em uma civilização dessa linha

de demarcação, ou seja, da faculdade tanto de esquecer quanto de lembrar no momento certo. Quer dizer, trata-se realmente de uma “economia da lembrança e do esquecimento”.

Em Nietzsche, memória e esquecimento relacionam-se à vontade criadora, ao caminho criador. O ato criativo, para ele requer esquecimento, no entanto, o ser criador também recorda, porém, em sua recordação, o criador deve dialogar com a tradição, apreender o passado aprendendo com ele para transformá-lo e redimensioná-lo^{iv}. Nesse sentido, o homem deve aprender a ir buscar no conhecimento do passado, na rememoração dos acontecimentos, apenas aqueles elementos que não impeçam suas ações no presente, que não acarretem o ressentimento, e que ao mesmo tempo, possam servir de exemplo às suas projeções para o futuro.

Referências Bibliográficas

ⁱ NORA, Pierre. “Entre Memória e História: a problemática dos lugares”. Projeto História. São Paulo: *Revista do Programa de Pós-Graduação em História*, 1993. n° 10, p.7

ⁱⁱ NIETZSCHE, Friedrich. “Da Utilidade e dos inconvenientes da história para a vida”. In: *Escritos sobre História/ Friedrich Nietzsche*.; apresentação, tradução e notas: Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Ed.PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2005.p.70

ⁱⁱⁱ SAMPAIO, Alan. “Fronteiras da História”. In: *Cadernos Nietzsche*, n° 18, São Paulo, 2005.

^{iv} WILKE, Valéria Cristina Lopes. “Memória-esquecimento: Nietzsche e Benjamin”. In: *Assim falou Nietzsche: memória, tragédia e cultura*.. FEITOSA, Charles, BARRENECHEA, Miguel A. (org) Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

Bolsa: FAPESP